

## MADALENA E SINHA VITÓRIA: CONTRASTES ENTRE DUAS PERSONAGENS DE GRACILIANO RAMOS

Geane Pereira Santos

**RESUMO:** Este artigo apresenta um breve panorama da vida de Graciliano Ramos, como também algumas características de sua escrita. De suas obras, focamos aspectos gerais dos romances *São Bernardo* e *Vidas Secas*. O objetivo principal é analisar as personagens Madalena, do romance *São Bernardo*, e sinha Vitória, da obra *Vidas Secas*, e evidenciar os contrastes entre as personagens de Graciliano Ramos. Madalena e sinha Vitória são constituídas de humanismo e generosidade. A primeira é apresentada como mulher culta, inteligente, humanista, que reflete sobre diversos problemas. Já a segunda tem um sonho que a impulsiona a seguir em frente, em busca de uma realidade melhor. Sinha Vitória também é o ser mais pensante daquele grupo de retirantes. Para isso, a pesquisa interpretativa teve como base os dados apresentados pelos estudos de Calheiros (2006), Magalhães (2001), Santos (2009), entre os autores que discorrem sobre o referido autor e suas obras. Temos a pretensão de enfatizar a situação e o papel da mulher nordestina e revelar seu valor no contexto social de cada obra. Este trabalho expõe a importância da mulher nordestina, sua força, coragem e determinação ao enfrentar as dificuldades presentes no sertão nordestino. Constatamos que são mulheres distintas e que ambas as personagens são fortes. Madalena é silenciada para não perder sua autenticidade, enquanto sinha Vitória se cala em respeito à sociedade patriarcal que não admite que as mulheres tenham voz ativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Madalena. Sinha Vitória. Graciliano Ramos.

**ABSTRACT:** This article presents a brief overview above Graciliano Ramos' life, as well as some of his writing characteristics. From his works we focused on the *São Bernardo* and *Vidas Secas* novels' general aspects. The main objective is to analyze how characters Madalena, from the *São Bernardo* novel, and sinha Vitória, from work *Vidas Secas*, and highlight the contrasts between the characters by Graciliano Ramos. Madalena and sinha Vitória are made up of humanism and generosity. The first one is presented as a cultured, intelligent, humanist woman, she reflects about various problems. Already the second has a dream that drives her to move forward in search of a better reality. Sinha Vitoria is also the most thoughtful of the retired group. For that, interpretive research was based on data submitted by Calheiros (2006), Magellan (2001), Santos (2009) studies, among the authors who white about the author and his works. We intend to emphasize the situation and the role of northeastern women, and reveal their value in the social context of each work. This work will expose the importance of northeastern women, their strength, courage and determination in facing the difficulties present in the northeastern backlands. It has been found that they are distinct women and that both characters are strong. Madalena is silenced so as not to lose her authenticity, while, sinha Vitoria is silent in respect to the patriarchal society that does not admit that women have an active voice.

**KEYWORDS:** Madalena. Sinha Vitória. Graciliano Ramos.

## 1 INTRODUÇÃO

*São Bernardo* e *Vidas Secas* são obras de cunho universal, escritas por Graciliano Ramos, e nesses romances encontramos as personagens Madalena e sinha Vitória, foco principal do nosso trabalho. Temos a pretensão de enfatizar a situação e o papel da mulher nordestina e revelar seu valor no contexto social de cada obra. Este trabalho irá expor a importância da mulher nordestina, sua força, coragem e determinação ao enfrentar as dificuldades presentes no sertão nordestino.

A personagem Madalena afrontará o protagonista Paulo Honório, em *São Bernardo*, que, a duras penas, tornou-se um senhor proprietário de terras. Por sua vez, a personagem sinha Vitória revela-se submissa e resignada, sempre obediente ao marido, Fabiano, explorado pelos senhores de terras.

Salientar os contrastes das personagens é um dos propósitos deste trabalho. Madalena e sinha Vitória são constituídas de humanismo e generosidade. A primeira é apresentada com mulher culta, inteligente, humanista, que reflete sobre diversos problemas. Já a segunda tem um sonho que a impulsiona a seguir em frente, em busca de uma realidade melhor. Sinha Vitória também é o ser mais pensante daquele grupo de retirantes.

Para fundamentação teórica dessa pesquisa, tomaremos como base os trabalhos realizados por Calhães (2006), Magalhães (2001), Santos (2009), entre outros autores que realizaram pesquisas nessa área de estudo.

Inicialmente, traçaremos um panorama da vida de Graciliano Ramos e sua escrita. De suas obras, focaremos em aspectos gerais dos romances *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Em seguida, analisaremos as características e atitudes que distanciam as personagens Madalena e sinha Vitória, para, então, apresentarmos as considerações finais.

## 2 GRACILIANO RAMOS: VIDA E OBRAS

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, estado de Alagoas, no final do século XIX (1892). Primogênito de um casal de classe média que teve quinze filhos, passou parte da infância em Buíque, Pernambuco, Viçosa. Não cursou universidade. Em 1910, estabeleceu-se em Palmeira dos Índios, onde o pai vivia de comércio. Após uma breve estada no Rio de Janeiro, como revisor do *Correio da Manhã* e de *A Tarde* (1914), retornou a Palmeira dos Índios ao saber da morte de três de seus irmãos com o surto da peste bubônica. Entre 1928 e 1930, exerceu o cargo de Prefeito. Casou-se por duas vezes e tornou-se conhecido pelos relatórios enviados

ao governador. De 1930 a 1936, viveu quase todo tempo em Maceió, onde dirigiu a imprensa e a Instrução do Estado. Redigiu *Caetés*, *São Bernardo* e *Angustia*. Em março de 1936, é preso como subversivo (BOSI, 2006, p. 402).

Nilson Miranda faz uma menção à prisão de Graciliano em 1936:

Graciliano saiu de Maceió preso em 1936, sendo levado para Recife, de trem, e de lá embarcado num navio, com centenas de presos para o Rio de Janeiro, por ser acusado de envolvimento com a intentona comunista de 1935. Solto em 37, volta à atividade de jornalista no Rio, e não mais retorna à sua Alagoas. Seu envolvimento com o Partido Comunista nunca foi provado. Seu ingresso no PCB só veio ocorrer em 1945, na legalidade, no Rio de Janeiro (2000, p. 25).

No Rio de Janeiro, continuou a escrever e publicar não só romances mas também contos e livros para a infância. Por volta dos fins da Guerra, o seu nome já está consagrado como maior romancista brasileiro depois de Machado de Assis. Em 1951, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores. Viajou para a Rússia e os países socialistas, relatando o que viu em *Viagem*.

Conforme Miranda (2000, p. 19), Graciliano Ramos nos deixou 16 livros, que foram traduzidos em mais de 30 países, em 28 idiomas. Seus livros são lidos e discutidos nos meios acadêmicos, não só no Brasil mas em outros países, como Estados Unidos, Canadá, parte da América Latina, Cuba, França, Itália, Espanha, Portugal, Grã Bretanha, Alemanha, Polônia, Checoslováquia, Hungria, Rússia (ex-União Soviética), Israel, Países Árabes, Japão, China, e alguns países da África. Com isso, nota-se a importância da obra literária de Graciliano Ramos, que é universal pelo seu valoroso conteúdo humanístico. Três de suas obras foram adaptadas para o cinema: *Vidas Secas*, em 1963; *Memórias do Cárcere*, em 1984, de Nelson Pereira dos Santos; e *São Bernardo*, em 1993, de Leon Hirszman.

Miranda mencionou que, ao longo da vida, Graciliano, apesar de externar uma aparência de um homem de poucas conversas, era detentor de um grande círculo de amizades. Nomes como Jorge Amado, Gilberto Freire, José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Érico Veríssimo, esses grandes escritores faziam parte das amizades de “Graça”, além de nutrir uma grande admiração por Augusto Frederico Schmidt e Guimarães Rosa, pela jornalista Eneida Moraes e pela psiquiatra alagoana Nise da Silveira, companheiras de prisão.

Conforme o autor citado acima, o estilo de Graciliano é seco como o sertão nordestino; duro como o chão batido pelo sol; direto, sem nenhuma curva de floreio vocabular; claro como os dias de sol da caatinga; e simples como o mundo dos personagens dos seus romances. Afirma ainda que, em vida, o escritor passou por dificuldades financeiras nos anos 50, e não imaginou

que sua obra alcançaria reconhecimento universal. Graciliano faleceu em 1953, no Rio de Janeiro, aos sessenta anos de idade.

### 3 CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA GRACILIÂNICA

Como apresentado por Bosi (2006, p. 402), o roteiro do autor de *Vidas Secas* norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que advinha do contato do homem com a natureza ou com o próximo. O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre o problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista fixa as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos. Em *São Bernardo* e *Vidas Secas*, a paisagem capta-se melhor por descrições miúdas que por uma série de tomadas cortantes, e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá.

Para Alfredo Bosi (2006, p. 388), os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como a “era do romance brasileiro”, e não só na ficção regionalista. Houve, sobretudo, uma ruptura com certa psicologia convencional. O autor afirma:

o modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 30 (crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas sociais) condicionariam novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria (BOSI, 2006, p. 388).

Em relação aos nossos romancistas de 30, Bosi afirma que os escritores preferiam a visão crítica das relações sociais. Esta poderá apresentar-se menos áspera e mais acomodada às tradições do meio em José Américo de Almeida, em Érico Veríssimo e em certo José Lins do Rego, mas daria à obra de Graciliano Ramos a grandeza severa de um testemunho e um julgamento.

Como demonstrado pelo crítico acima citado (2006, p. 392), há um grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu mundo. O romance brasileiro de 30 para cá possui pelo menos quatro tendências e toda a obra de Graciliano Ramos é classificada como “*b) romance de tensão crítica*: o herói opõe-se e resiste agonicamente às opressões da natureza e do meio social, formule ou não ideologias explícitas o seu mal-estar permanente”.

Para esse autor, nos romances em que a tensão atingiu o nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por si alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda. Há menor proliferação de tipos secundários e pitorescos: as figuras são tratadas em seu nexos dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica (*Vidas Secas*, *São Bernardo*, por exemplo), e é dessa relação que nasce o enredo. Passa-se do “tipo” à expressão; e, embora sem intimismo, talha-se o *caráter* do protagonista (BOSI, 2006, p. 393).

#### 4 SÃO BERNARDO E VIDAS SECAS

Bosi (2006), ao discorrer sobre *São Bernardo*, esclarece que o foco narrativo em primeira pessoa mostrará a verdadeira força do autor, na medida em que seria capaz de configurar o nível de consciência de um homem que, tendo conquistado as duras penas um lugar ao sol, absorveu na sua longa jornada toda a agressividade latente em um sistema de competição. Paulo Honório cresceu e firmou-se no clima da posse, mas a sua união com a “professorinha” idealista da cidade vem a ser o único e decisivo malogro daquela posição de propriedade estendida a um ser humano. *São Bernardo* ficará como paradigma de romance psicológico e social da nossa literatura.

Para Miguel (1986), esse romance faz uma análise do ser humano como reflexo da realidade exterior, um mergulho na alma, mistura realidade presente e devaneio. O autor considera essa obra como a melhor da fase madura de Graciliano.

Sobre *Vidas Secas*, Miguel (1986, p. 282) a considera uma obra desmontável, composta por treze capítulos independentes e completos entre si mesmos, iniciada com a mudança e finalizada com a fuga. Representa a desigualdade entre os homens, a opressão social e a injustiça – o Sistema só privilegia o patrão. Essa obra narra a retirada de uma família nordestina fugindo da seca: Fabiano e sua esposa sinha Vitória, dois filhos, a cachorra Baleia e um papagaio. O romance é marcado pela ausência de diálogo entre os personagens, quando isso ocorre é através de grunhidos. Os personagens são igualados a animais, enquanto os animais são elevados à categoria de humano. Isso é comprovado com a cachorra Baleia. Eles têm uma vida mesquinha e sem sentido, relegados à miséria. A terra é seca, o homem é seco. O homem culpa a natureza pela sua desgraça e não o sistema. As personagens revelam experiências em condição coletiva e não individual: a do homem explorado socialmente e brutalizado pelo meio.

As personagens lutam para resistir aos efeitos da seca e à opressão social, como também para estabelecer uma comunicação, pois se encontram em um nível primitivo da linguagem, comunicando-se através onomatopeias, sons guturais e gestos. Temos nesse romance as condições precárias de sobrevivência do sertanejo, as relações de patriarcalismo, coronelismo, compadrio, perpetuando as condições de vida no campo. A falta, carência, necessidade é refletida em toda a obra, em que não é delimitado nitidamente o tempo cronológico, “a existência se dá como falta: - não tem lugar fixo, não tem recursos materiais. Tudo exprime a ideia de seca”, conforme destaca Santos (2009, p. 131).

Santos (2009, p. 152) encerra seu estudo confirmando que, ao calar a voz dos oprimidos, Graciliano “[...] silenciosa e criticamente, fala, pois, sob a ausência de moradia, de letramento, de justiça, de bens materiais... faz crítica segura da realidade opressora”.

#### **4.1 ANTONÍMIAS: ENFOQUE NAS PERSONAGENS MADALENA E SINHA VITÓRIA**

Com razão, Jacy Calhães, em seu trabalho intitulado “Uma mulher à frente de seu tempo...” (2006, p. 162) afirma que, em *São Bernardo*, mais uma vez Graciliano Ramos foge do estereótipo das mulheres na literatura de escrita masculina. Madalena contraria os moldes tradicionais, não se encaixa aos padrões da época, não se curva perante tal sociedade patriarcal que tinha a mulher com submissa e resignada, subserviente ao poder masculino, passado de geração a geração.

A personagem Madalena é apresentada ao leitor como culta, inteligente, discute sobre diversos assuntos com os intelectuais da região, escreve artigos para jornais. Tais qualidades são mencionadas em uma conversa entre Paulo Honório e Gondim: “– Ó Gondim, você me falou há tempo numa professora. – A Madalena? – Mulher superior. Só os artigos que publica no *Cruzeiro!*” (Citado por CALHARES, 2006, p. 162).

Um dia Paulo Honório começou a imaginar uma mulher para casar e perpetuar sua descendência.

Não me preocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.  
Tentei fantasiar uma criatura alta, sadia, com trinta anos, cabelos pretos – mais parei aí. Sou incapaz de imaginação... (RAMOS, 1995, p. 57).

Ao pensar em casar-se, o protagonista revela o desejo de uma nova aquisição, uma nova posse. Contudo, Paulo Honório é um ser desprovido de sentimento e valores. Para ele, o

casamento representa uma apropriação e, nesse caso, a mulher será uma propriedade, a qual Paulo Honório irá tentar transformar em objeto de uso pessoal. “[...] Excelente aquisição, mulher instruída”. “– Até lhe enfeita a casa...” (RAMOS, 1995, p. 48).

Vianna (1997, p. 121) afirma que “Paulo Honório tem uma visão reificada porque [...] “seleciona” da vida e do mundo os seus aspectos meramente quantitativos ou reduzíveis à quantidade”.

O fazendeiro reconhece que Madalena é o contrário do que ele imaginou, pois é moça loura, olhos azuis, bonita. Em Ramos (1995, p. 67), tem-se: “De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha”.

Sendo o casamento e a família símbolos que representam o poder burguês e patriarcal, Paulo Honório resolve relevar sua real intenção:

Esta aí. Resolve escolher uma companheira... Sim como me engracei da senhora...  
[...] pelas informações que peguei da senhora, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família.  
– Deve haver muitas diferenças entre nós. (Madalena)  
– Diferenças? Tenho 45 anos. A senhora tem uns vinte.  
– Não, tenho 27.  
– O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Ouviu? A verdade é que sou pobre como Job, entende? ... quem faz um bom negócio supimpa sou eu. (RAMOS, 1995, p. 88 - 89)

Conforme Vianna (1997, p. 69), Madalena aceita o casamento, argumenta a falta de amor pelo futuro esposo e relewa sua intenção de garantir segurança para sua tia e para si. Algum tempo após o casamento, Paulo Honório percebe que sua esposa não corresponde ao modelo tradicional. Madalena se distancia das características comuns das mulheres da época, está fora dos padrões patriarcais.

Madalena tem profissão, escreve artigos, deseja ensinar os trabalhadores a ler, coloca-se a favor dos pobres e dos oprimidos. Oito dias depois de casados, a mulher discorda da quantia que seu Ribeiro recebe, irritando com isso seu esposo, que deixa claro que os assuntos de sua fazenda não lhes dizem respeito.

[...] Quanto ganha o senhor, seu Ribeiro?  
– Duzentos mil réis.  
Madalena desanimou: – Muito pouco.  
– Ora gaitas! Berrei (Paulo Honório)  
[...] as coisas da minha fazenda julgo que devo saber (RAMOS, 1995, p. 99 - 100).

Outro ponto de discórdia entre o casal é a forma como o marido trata seus subalternos. Madalena tenta humanizar, amenizar, suavizar a relação do esposo com os empregados, porém nada vale seu esforço.

– Como tem coragem de espancar uma criatura daquele jeito?  
Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me. (Paulo Honório)  
[...] – Bateu assim num homem! Que horror  
[...] – Você vive a humilhá-lo. (RAMOS, 1995, p. 109 - 110)

Madalena desafiou a autoridade do esposo, opôs-se a ele, criou obstáculos. Sua capacidade de escrever e manejo com a linguagem despertaram admiração e raiva em Paulo Honório, pois ele passou a sentir-se inferior. A visão de mundo, delicadeza, formação intelectual acarreta o choque entre os personagens. Ela é humanista e solidária e tem o desejo de participar em igualdade dentro do casamento, nos negócios, conforme Vianna (1997).

Para Calhares, Madalena jamais se enquadraria na imagem da típica esposa do patriarcado, pois não cuida da casa, da prole e da criadagem. Ela dedica-se ao trabalho do escritório. Ela tem opiniões formadas e luta até o fim com a intenção de transformar o marido em um ser mais humano, generoso. Para Vianna, Madalena tentou prover mudanças no modo com seu esposo tratava seus trabalhadores, e assim passou a conhecer toda a brutalidade de um homem dominador e cheio de desconfianças. Nem a maternidade uniu o casal.

As cartas escritas por Madalena são um motivo para Paulo Honório começar a desconfiar do comportamento da esposa. Em momentos de loucura, imaginava a esposa o traindo com amigos e subalternos. Para ele, um homem sem religião é aceitável, “mas uma mulher sem religião é horrível” (p. 133). Paulo Honório torna-se obsessivo, um ciúme sem fundamento, passando a perseguir Madalena. Na concepção do marido, a esposa só seria inocente se fosse uma mulher dentro dos padrões patriarcais. Tudo isso leva a personagem ao trágico fim: opta pelo suicídio.

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estanquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espumas nos cantos. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. No soalho havia manchas de líquido e cacos de vidro. (RAMOS, 1995, p. 168)

Ao ver seus ideais impossíveis de se realizarem, no mundo dominado pelo poder masculino, Madalena comete suicídio para não perder sua autenticidade. A personagem transgrediu regras sociais vinculadas ao casamento, não se curvou à passividade e à submissão.

A mulher de Paulo Honório tinha o sonho de poder participar das transformações das estruturas sociais e, com dificuldades, estudou e formou-se professora, alimentando a vontade de sobreviver com seu ofício (VIANNA, 1997, p. 67 - 71).

É através de sua morte que Madalena transforma a personalidade agreste de Paulo Honório. É possível para ele encontrar sinais da condição humana em si, após a morte de sua amada. Dois anos após a morte de Madalena, Paulo Honório conclui:

Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos sem objetivos, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada. (RAMOS, 1995, p. 183 - 184)

Já a personagem feminina de *Vidas Secas* é resignada e submissa ao peso da tradição social que impede a mulher de externar suas opiniões.

Seu nome, “sinha Vitória”, é uma junção do pronome de tratamento *Sinha*, que designa as mulheres de uma classe rural econômica mais elevada. Após a abolição dos escravos o termo “sinha” é usado para as damas da sociedade. Para as mulheres casadas, pobres, e de respeito, “sinha” (a tônica está na penúltima sílaba e escreve-se com a inicial minúscula). Enquanto “Vitória” significa conquista, ela representa o sonho de todos os que desejam mais do que a realidade oferece (MAGALHÃES, 2001, p. 121 -122).

Sinha Vitória é mais uma personagem que convive e segue as tradições que tem como base o poder masculino, o domínio que o homem detém sobre a família e seus agregados. A figura paterna, o companheiro da personagem, está sempre em movimento: montar, campear, aboiar, enquanto a mulher é procriadora, protetora. Dentro dos padrões patriarcais, é Fabiano quem se movimenta, ser que age, realiza coisas; porém sua fala é precária. No percurso da narrativa, visualizamos uma luta para resistir aos efeitos da seca e à opressão social, como também a dificuldade de comunicação com o outro, segundo a autora citada acima.

Para Santos (2009, p. 28), as personagens estão num estágio primitivo da linguagem, pois se comunicam através de gestos e sons guturais: “sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente a direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto” (SANTOS, 2009, p. 10).

Conforme Magalhães (2001, p. 70; 90), o gesto de “estirar o beijo” e “indicar a direção” revela o lugar de sinha Vitória, o de conduzir o grupo. É a mulher que compreende Fabiano, por isso ele sempre recorre à esposa para conversar. O esposo recorre sempre à mulher, precisa

de ajuda para garantir sua descendência. Também é função da mulher repassar a tradição aos filhos.

O foco do estudo da autora supracitada é a personagem feminina sinha Vitória e o desejo que a acompanha durante toda a narrativa: a cama de lastro de couro. Esse objeto representa mudança, esperança de bons tempos e vontade de fixar-se em um lugar próprio. Para a realização do sonho, é necessário o abandono, a retirada/saída daquela região.

Apesar de tanta carência, a mulher da escrita de Graciliano é “... vida, cor, movimento, mudança” (p. 79). A autora reforça que o escritor coloca sempre sinha Vitória em uma saia larga de ramagens (p. 16), “[...] enfronhada no vestido vermelho de ramagens, ...” (p. 71), “[...] na coberta vermelha e a saia de ramagens” (p. 86).

A mulher gosta de conversar, pensar, estar sempre junto ao marido, acolhendo-o em horas de cansaço, desânimo e fazendo as contas. É mãe, aquela que ensina o papel que seus filhos irão desenvolver na sociedade, e esposa. Sinha Vitória desenvolve todas as funções que se espera de uma mulher da época. Na visão de Fabiano a esposa é aquela que:

- prepara a janta;
- está educando mal os meninos, pois estão muito curiosos, fazendo perguntas, correndo o risco de não seguir as regras estabelecidas pela tradição.
- tem desejos infantilizados, de criança que precisa ser seguida, por isso o marido considera todos os desejos da mulher com besteiras e alguns como impossíveis de ser realizados (MAGALHÃES, 2001, p. 98)

Na obra, a personagem é apresentada, no capítulo que leva seu nome, realizando as tarefas que configuram a rotina da mulher tradicional, detalhada da seguinte forma por Magalhães (p. 103):

Acocorada	
Sopra	. ____ o fogo
Limpa	____ a lágrima
Sopra	____ o fogo
Encarquilhada	____ pálpebras
Mete	____ o rosário no peito
Continua	____ soprando
Enche	____ as bochechas
Apruma	____ o espinhaço
Agita	____ o abano
Dá	____ um pontapé na cachorra

Seguindo a estrutura social da época, sinha Vitória casou-se, teve filhos, realizou as tarefas inerentes ao sexo feminino, cuidou da educação dos filhos, ajudou o marido, fez as contas, sonhou “sonhos que são absorvidos pelo marido” (p. 98).

Mesmo maltratada pela vida, é a mulher que possui as únicas coisas coloridas na paisagem. Com suas saias de ramagens, a personagem demonstra afetividade para com os filhos e marido.

A personagem revela sentimentos ao se magoar pela comparação que seu marido fez: “[...] Sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis [...] trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula...”. (p. 41)

Ela é zelosa de sua aparência:

Sinha Vitória enfronhada no vestido vermelho de ramagens equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua - e dava topadas no caminho.

[...] O guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. [...] vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume (RAMOS, 2002, p. 71-73).

Sinha Vitória sofre com as dores dos filhos:

[...] fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça... – Vão bulir com a Baleia? [...] Sinha Vitória levou para cima da cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos. Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: ouvindo o tiro e os latidos, sinha vitória pegou-se a Virgem Maria... (RAMOS, 2002, p. 85-87)

A personagem realiza a contabilidade: “Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições” (p.93), “[...] a mulher tinha miolo” (p. 97).

É sinha Vitória que advinha a seca:

Mal sinal, provavelmente o sertão vai pegar fogo. As arribações bebiam a água [...] Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer... riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória.

Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias... sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe (RAMOS, 2002, p. 108 - 114).

A personagem, através de seu desejo, conseguiu afastar-se do isolamento, foi capaz de resolver problemas, justificar seus atos, acolher o marido que não conseguia se entender com gente e nem com os filhos, sentiu medo, pensou, rogou a Deus e à Virgem Maria, aqueceu e protegeu os filhos, fez contas. Por tudo isso, é o ser que reflete sobre a realidade, dotada de sensibilidade para perceber os sinais da natureza, o prenúncio da seca.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esta pesquisa comparativa, ficou evidente a necessidade de conhecer a posição política e social de Graciliano Ramos. A partir daí, foi possível correlacionar o real com o presente nas obras, o sentido social simbólico, os elementos significativos contidos nos livros.

Desse modo, vimos que *São Bernardo* é uma obra narrada em primeira pessoa e discorre sobre as dificuldades de conscientização daquele que representa a burguesia rural nas relações patriarcais. Já em *Vidas Secas*, romance narrado em terceira pessoa, há uma reflexão sobre as relações existentes no campo, uma denúncia das opressões do sistema social.

Pertencem às obras acima citadas as personagens Madalena e sinha Vitória. Essas duas mulheres representam o foco deste trabalho. Assim, ao analisarmos as personagens femininas, passamos a saber que elas pertencem a uma sociedade tipicamente patriarcal, na qual o homem é o senhor, o ser dominador. Nessa época era inconcebível uma mulher participar dos negócios, argumentar de igual para igual com o sexo oposto. As mulheres não podiam expor suas ideias e opiniões, principalmente no meio rural, dotado de conservadorismo.

As personagens femininas deste estudo têm esposo, filhos e sonhos. Todavia, apenas sinha Vitória demonstra afetividade, cuidado, zelo pelo marido, pelos filhos e pela casa. Enquanto isso, Madalena se dedica aos assuntos da fazenda e se descuida do filho, da casa e da criadagem.

Nota-se, então, que Madalena não se encaixa no papel de esposa, mãe, serviços domésticos e rezas, obrigações essenciais para uma mulher da sociedade patriarcal. Isso releva o primeiro contraste entre as personagens, pois sinha Vitória, em toda a narrativa de *Vidas Secas*, comporta-se como uma autêntica dona de casa – prepara alimento, cuida da aparência dos membros da família, controla e zela do marido embriagado. A mulher de Fabiano vive conforme a tradição.

Outro ponto que as diferencia é o fato de Madalena não ser compreendida e não compreender seu esposo, por isso o casal está sempre em meio a discussões. Em *Vidas Secas*, a mulher é o único ser que compreende o marido e a situação em que vivem. Não há relato de brigas entre esse casal.

Ao longo da narrativa, conhecemos o motivo pelo qual Madalena não consegue se entender com o fazendeiro, um ser embrutecido desprovido de sentimentos. Paulo Honório tem uma visão reificadora do mundo. Para ele tudo é reduzido à coisa, à propriedade.

Também é pertinente observar que Madalena não se submete às vontades do esposo, e ele, possuído pelo ciúme doentio, começa, sem perceber, a maltratá-la. Já abalada fisicamente e mentalmente, ela, desesperada por ver seus sonhos impossibilitados de realizarem-se, opta pelo suicídio. Seu ato caracteriza-se como uma forma de não assujeitamento ao sistema social que oprime o sexo feminino, não possibilitando abertura para a mulher expor suas ideias e opiniões.

Conforme Vianna (1997, p. 72), a morte de Madalena é uma forma radical de resistência, “Madalena prefere morrer a conciliar com a inautenticidade [...] a tragédia de Madalena é a tragédia do revolucionário”.

De fato, em vida, Madalena não conseguiu realizar seus sonhos, mas, diante da realidade de morte Paulo Honório, dá início a uma reflexão sobre sua existência. Assim como Madalena, sinha Vitória tem o sonho de uma cama de lastro de couro igual à de seu Tomás da bolandeira. Esse sonho representa simbolicamente a possibilidade de mudanças, transformações, que só poderão ocorrer fora daquela região. Seu desejo a impulsiona, colocando-a para frente. A cama representa estabilidade, durabilidade, solidez. O desejo da personagem é uma possibilidade de melhores condições de vida.

De um lado, uma mulher letrada que, em vida, não conseguiu transformar a personalidade do esposo; do outro, uma mulher iletrada que possui um entendimento razoável, à qual o marido sempre recorre quando necessita de seu amparo na tomada de decisões. Sinha Vitória consegue de uma forma sutil interferir no mundo masculino.

De qualquer modo, no final do romance *São Bernardo*, com a morte de Madalena, surgem em Paulo Honório resquícios de humanidade. Por isso, a existência de Madalena marca a relevância do personagem na narrativa, pois é a partir dela que o fazendeiro resolve escrever a obra.

Portanto, Madalena e sinha Vitória são mulheres fortes, dotadas de sentimentos. A primeira é culta, inteligente, determinada, generosa, consciente, com voz ativa se opôs ao poder masculino e contrariou as tradições de uma sociedade patriarcal. Sua morte caracterizou-se como forma de preservação de ideais. Já a segunda personagem é iletrada, porém é o ser mais pensante do grupo. Ela se ocupa com a casa, o marido e os filhos. Sinha Vitória está sempre à sombra do marido, seguindo os padrões estabelecidos pela sociedade.

É válido salientar que as personagens não se contentaram com a realidade, e cada uma a sua maneira, procuraram resistir às imposições tanto da sociedade quanto da natureza.

Este estudo comparativo procurou mostrar a postura de duas mulheres distintas, sua força e coragem de enfrentar as dificuldades, como também evidenciar as características que distanciam Madalena e sinha Vitória.

## **REFERÊNCIAS**

BOSI, Alfredo, 1936. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALHARES, Jacy Ferreira. Uma mulher à frente de seu tempo: Enfoque na personagem Madalena, em São Bernardo, de Graciliano Ramos. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes (org). **Ensaios sobre língua e literatura**. Maceió: EDUFAL, 2006.

MAGALHÃES, Belmira. **Vidas Secas: os desejos de sinha Vitória**. Curitiba: HD Livros, 2001.

MIGUEL, Jorge. **Curso de Literatura**. São Paulo: Harbra LTDA, 1986, p. 282 – 312.

MIRANDA, Nilson. **Comenda Graciliano Ramos: ode ao Velho Graça**. Maceió: Edições Catavento, 2000.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 63. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vidas Secas**. 85. ed. Rio, São Paulo: Record, 2002.

SANTOS, Fabio José dos. **Linguagem, poesia e resistência em Vidas secas**. Maceió: EDUFAL, 2009.

VIANNA, Lúcia Helena. **Roteiro de Leitura: São Bernardo**. São Paulo: Ática, 1997.